

Considerações Finais

Devemos deixar as contradições como estão, para que sejam entendidas como contradições, e captar o que está por trás delas.¹

Hannah Arendt

A poesia ilumina todos os textos, conceitos e temas do poeta mexicano, conferindo-lhes uma ambiguidade e uma pluralidade que o distanciam das exigências do modelo discursivo de feição científica. A interferência do poético na produção crítica e teórica do autor revela-se em toda a sua obra.

A incidência do modelo poético se faz perceber na maneira como são articulados os seus conceitos. Sem perderem suas especificidades temática ou contextual, todos eles encontram-se atravessados pela mesma lógica analógica que trespassa a linguagem do autor, garantindo um traço diferencial e uma certa autonomia de um conceito em relação ao outro. Cada um constitui, por isso mesmo, uma unidade múltipla, que tem na contradição entre os signos a sua base de sustentação.

Cada texto seu é único, possui medidas e modelagens específicas, no entanto, não deixam de ser também ressonância das modulações que atravessam os demais. Considerando que o cerne dessas modulações é a "solução" dos contrários, em nossa trajetória acompanhamos suas conjunções e disjunções como chaves para compreender o caráter paradoxal, não só de *O arco e a lira*, como de toda a obra de Octavio Paz.

Ao final da leitura e da análise da obra de Paz, gostaríamos de retomar três pontos que consideramos fundamentais. O primeiro é que toda a sua obra está fundada em sua reflexão sobre a poesia já que ela perpassa por todos os seus textos. O segundo é que, dentro dessa reflexão a questão da "solução" dos

¹ ARENDT, Hannah. *Love and Saint Augustine*. (Chicago: University of Chicago Press, 1996), p.7.

* "We must let contradictions stand as what they are, make them understood as contradictions, and grasp what lies beneath them." Tradução de Fabio Neves.

contrários é central. O terceiro ponto é que se a semente da sua reflexão sobre a poesia se encontra em *Poesia de solidão e poesia de comunhão*, o seu auge pode ser observado em *O arco e a lira*.

A condição original do homem não é somente carência nem tampouco fartura, mas possibilidade. O poder da condição humana é a possibilidade de ser. O ser não é algo dado, sobre o qual se apóia o existir, mas é algo que é feito. Por isso, o homem está sempre se lançando ao absoluto já que sua condição de desamparo e abandono é também a possibilidade da conquista de seu próprio ser. Os homens são lançados para nomear e criar o ser. Aceitando essa tensão que atravessa a nossa existência podemos compreender melhor nossa condição e percebermos que o fato de sermos mortais não passa de uma das faces da nossa condição, a outra face é ser viventes.

A poesia possui uma relação distinta com o tempo. A poesia precisa se encarnar em poema em um determinado tempo da história, o que torna o poema histórico. No entanto, o poema possui uma não-conformidade ao tempo pois ao ler um poema podemos perceber o surgimento do devir no passado, assim como, entrar em uma experiência com o tempo totalmente diferente do conceito de tempo que tem a ver com a experiência da fabricação.

De certa forma, o poema é um resultado da fabricação, já que ele é uma obra. Diríamos que existe a "produção" poética, mas nos parece um equívoco já que a criação participa da experiência poética. A criação é uma forma particular da produção, ou melhor dito, uma forma anômala. Na produção, tratando de sapatos e de sementes, por exemplo, não intervêm um elemento imprevisível que muda radicalmente o processo produtivo: a imaginação. Quando a natureza produz árvores, todas as amendoeiras se parecem. Quando o sapateiro produz sapatos, todos os sapatos se parecem. A produção é uma atividade que resulta em objetos em série ou que tendem a constituir-se em série.

Por outro lado, a chamada "produção" poética é uma operação que converte cada objeto em um ente único. O elemento que modifica o objeto em série em exemplar único é a imaginação. Um arado não somente se parece com outro arado, como também, isolado, não nos interessa: nos interessam os arados. Um automóvel é inconcebível: os automóveis para existir de verdade, precisam

ser muitos. No entanto, *A Odisséia* é única, *Don Quixote* é único e os poemas de Fernando Pessoa são irrepetíveis. Além disso, existe uma outra diferença. No campo da produção, cada mudança é uma substituição. O arado primitivo foi substituído por outro utilizado com animais que por sua vez foi substituído pelo trator; o cavalo e o jumento foram substituídos pelo carro, o avião, o trem. Da mesma forma, nenhuma obra de arte substitui aquela que a precede. Não se pode substituir Van Gogh por Matisse nem Michelangelo por Rodin. Assim, diferentemente da "produção", a criação poética consiste em compor obras verbais únicas, irrepetíveis e insubstituíveis. O homem transforma os materiais que abandonam o mundo cego da natureza para ingressar no mundo das obras, ou seja, no mundo da significação.

Além disso, através da poesia, o homem assume uma atitude frente à realidade do mundo e de sua própria consciência muito distinta da atitude da filosofia e da ciência. A realidade é mais rica e mais viva que todas as idéias e sistemas que pretendem abrange-la. Através da ciência e da filosofia não é a realidade o que realmente conhecemos, mas sim essa parte da realidade que podemos reduzir à linguagem e conceitos, para que seja possível nos utilizarmos da natureza. Por outro lado, a atitude de contemplação da experiência poética não tem nenhuma consequência prática e é possível que dela não se possa derivar nenhum conhecimento, nenhum juízo, nenhuma salvação ou condenação. O poema é uma forma de conhecimento que acolhe os aspectos múltiplos e contraditórios do real. Por não ter a intenção de definir o real, o poema é capaz de revelar o real por inteiro, revelar o real na sua verdade.

Octavio Paz nos mostra que a poesia não oscila entre a palavra e o silêncio. Ela nos faz entrar no reino do silêncio onde habita a palavra verdadeira - a palavra indizível, pontual e precisa, a que está *más allá* dos nomes. Muitas vezes ela é "sim" e "não", como também em outras vezes, "nem sim, nem não". O poder de sugestão do poema é mais importante do que o seu poder de demonstração. Como os cétricos - no sentido autêntico do pirronismo grego² - Paz sabe que a verdade e a realidade são em última instância indizíveis. Assim como os místicos, sabe que o poema é dizer o indizível e sobretudo indicar, *em e através* do poema, o próprio indizível. O paradoxo da palavra poética está em nos dizer

² SEXTO EMPÍRICO. *Works*, 4 vols. trad. G. Bury (Cambridge: Harvard University Press, 1976).

precisamente o que disse e nos indicar que esse mesmo dizer que foi dito não se pode dizer. Mais próximo a Wittgenstein do que imaginaria, Octavio Paz poderia concordar com a frase “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar³.” Não obstante, ele diria que a linguagem poética começa, precisamente, ali onde as demais linguagens se calam.

O poema nos diz tudo que o poema diz e, além disso, nos diz que, *más allá* do poema, e no entanto no poema, está o indizível, o silencioso que acompanha as palavras. Por isto, o poema é *inexplicável* mas não, *incompreensível*.

³ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994), p. 281.